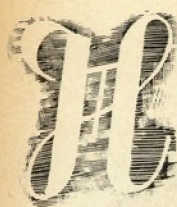
ANO I — N.º 28 — PREÇO: 1 ESC.
LISBOA, 27 DE NOVEMBRO DE 1941

O INDUSTRIAL ALFREDO DA SILVA discursando, no acto do lançamento à água do novo navio «Alexandre Silva» e na presença do Chefe do Estado, sôbre os progressos da construção de barcos mercantes em Portugal.

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

panorama internacional

VULTOS NA BRUMA

por Francisco Velloso

ORAS de indecisão continuam a contar-se no disco numerado do relógio político desta guerra. O pêndulo mostra-se inquieto e nervoso em seus timbres e cadências. Vemos, melhor do que nunca, que se não fôra a resistência nacional do povo russo, todo o teatro intercontinental do conflito estaria transmudado, e que se os Estados Unidos, conforme o compromisso tomado pelo presidente Roosevelt a bordo do *Potomac*, houvesse correspondido em ritmo constante de uma produção progressivamente acelerada ao imperativo urgente do momento, também o panorama total do gigantesco litígio trasformado estaria. A incerteza geral que desde a Rússia à Norte-América, passando pela Alemanha e pela Grã-Bretanha, recobre a carta política e económica do mundo, deixa-nos como viajante estacado por nevoeiros cerrados, sem poder divisar no horizonte mais que sombras difusas e oscilantes, e apenas escutando em estreito espaço sufocados ecos.

A OFENSIVA NA LÍBIA

CUNNINGHAM

No dia em que, postos a aguardar o reboar de sucessos dignos de registo, nos metemos com audácia por tão aventurosos caminhos, tombaram sôbre as mesas das redacções dos grandes quotidianos notícias retumbantes. E no entanto, nenhuma delas é mais que introdução das que hão-de sobrevir.

Os inglêses do exército de Auchinlek, lançaram-se em ofensiva comandado pelo general Allan Cunningham, irmão do vencedor da batalha naval de Matapan, contra as fôrças ítalo-germânicas do general alemão Rommel. Há meses, o almirante anda escumando entre as costas francesas de Marselha e de Oran e entre a italiana e a Líbia, nas águas mediterrâneas, a navegação de abastecimento aos corpos expedicionários inimigos.

Wavell, no dia 10, reconhecera em entrevista dada em Nova Delhi à *Reuter* que errara os seus cálculos no Médio Oriente e por isso sofrera o contra-ataque brusco de Rommel até às fronteiras egípcias, com o qual só contara para o mês de Abril. O denodo da franqueza, verdadeiramente digno do soldado que êle é, grangeou-lhe redobrada confiança da opinião pública do seu país. A ofensiva de agora, depois de tantos e demorados preparativos, como é aliás regra do estado-maior britânico, já averiguada na outra guerra (Auchinlek sabe bem de que rijeza é o pulso do inimigo que o defronta) prova claramente o largo grau do recúo e perdas que Wavell sofrera. O general dera, porém, à Grã-Bretanha um valioso trofeu: — a destruição em quási dois terços do exército de Graziani; e um lance heróico que salvou o Egipto, como vara a desangrar e deter touro em pleno ímpeto: — Tobruk, página de vigília em armas que noite e dia repete estrofes de um poema de Kipling.

É muito cêdo para avaliar-se da extensão, resultados e objectivos dessa arremetida. Por enquanto, as prespectivas prenunciam a libertação de Tobruk, e narram o recúo de Rommel, apertado de flanco por poderosa irrupção de tôdas as armas.

Ela fornece, porém, desde já, satisfação às enervadas exigências do povo inglês e desafoga as ansiedades daqueles que reclamavam (Lokovsky, o porta-voz russo, aludira a isso há pouco) que a Inglaterra, além dos ataques da R. A. F. forçasse o inimigo em outro teatro de guerra, por meio de uma ofensiva de diversão.

Será esta? E será bastante?...

Churchill usou da palavra nos Comuns no dia 10 para recusar qualquer modificação no Govêrno. Não deixou de se mostrar animoso e até de se vangloriar, por exemplo, de uma deminuïção de perdas marítimas no Atlântico (onde o almirante Raeder agora concentra como nunca o maior poder dos seus submarinos e da aviação de largo raio de acção); mas não menos se revelou sacudido ao negar-se a vir fazer declarações parlamentares sôbre operações em curso, e é de sublinhar-se a sua referência ao facto de a Inglaterra conservar intactas as suas instituïções representativas, que êle classificou «proeza dificílima de realizar, tal como não há memória». Um escritor francês da outra guerra disse que em transes como êste só se governa em *mono-arquia*.

OSCILAÇÕES

BEAVERBROOCK

É efectivamente essa a enorme vantagem de Hitler e da Alemanha: — um só comando manobrando em linhas interiores no campo imenso da Europa ocupada, as fôrças diversas mas sinérgicas da guerra total: — o exército, a armada, a aviação, a diplomacia, a economia, a propaganda. Foi e é essa por igual a condição de o comando supremo de Timochenko poder levar a cabo a sua resistência frontal à inexcedível perfeição militar do ataque germânico.

O constraste destas vantagens aparece na oscilação lenta da América e na última crise política que perturbou a Inglaterra — dois países onde vigoram regimes de opinião. A asma de Lord Beaverbroock voltou a ser recordada como causa eventual de sua saída do govêrno, o que deixa induzir que se mantém abochornado o seu aborrecimento pelo retardado vagar da produção norte-americana que desfalcou recursos materiais da Inglaterra com que a tempo se acudiu aos russos. Na América do Norte, após a aprovação da revisão da Lei de Neutralidade, e a despeito do afã com que se preparam os armamentos da frota mercante, e da satisfação que aquele acontecimento causou (é o pleno reconhecimento da *inter*-dependência dos interêsses dos Estados Unidos e da Comunidade Britânica, concluiu Mackenzie King), rebentaram as greves nas minas de carvão, numa manobra extensa que favorece, do mesmo passo, os isolacionistas e os alemães, e ainda se verifica a mesma dualidade: — a esquadra a agir bèlicamente, o exército a preparar-se para uma expedição ainda sem rótulo, e o govêrno de Roosevelt a braços com a resistência dos seus contrários.

Vê-se, pois, que a batalha interior ainda não cessou. E o presidente só tem um meio de a terminar: — usar dos mesmos meios de que Wilson se serviu resolutamente e agir com plenos poderes. Quanto tempo falta para isso? — pregunta-se ainda em Londres. Um sintoma surgiu no entanto de que o acontecimento central — a entrada dos Estados Unidos em Guerra declarada — pode estar mais ou menos próximo: a declaração do ministro das Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha, em Buenos Aires, de viagem para o Chile, de que o Brasil não ficará neutral se a nação norte-americana entrar na guerra. Estas palavras têm e hão-de ter uma repercussão enorme que a boa prudência manda desde já prever aos interessados na situação atlântica. Conhecidas como são as estreitas ligações da política do talentoso ministro com a Casa Branca, não é exagerado relacioná-las por um lado com fitos da sua viagem, e por outro com a atitude de Washington, sobretudo depois da última votação parlamentar que inutilizou a neutralidade.

A MANOBRA ALEMÃ

VON PAPEN

A Alemanha espera a eclosão do sucesso. A sua Imprensa já toma cuidadosamente as posições convenientes, quer prevenindo de quaisquer sobrecenhos a opinião popular alemã, quer ripostando forte e feio aos discursos norte-americanos.

Por outro lado, se a ofensiva a leste outra vez recrudesceu, sobretudo contra a bacia do Don, por Rostov, e por Kertch, na Crimeia, cuja banda oriental está já na posse de Von Kleist, sendo prevista uma utilização de paraquedistas descidos na região do Caucaso (Wavell vai certamente entrar em cena), duas manifestações sem dúvida conjugadas marcaram a orientação do Reich quanto ao prosseguimento eventual dos trabalhos para a denominada Nova Ordem. Uma foi posta na bôca de Von Papen, e, a despeito de desmentidos oficiais, ficou dela uma cominação terminante a todos os povos para que adiram ao programa Funk, e uma advertência quási formal à Turquia que logo a obrigou a pôr-se de mais atento sobreaviso militar. A outra foi de Seiss-Inquart, comissário na Holanda, que rotundamente formulou a incorporação pura e simples dos territórios ocupados no Reich. As expressões valem bem uma leitura: «A independência é incompatível com a camaradagem que os alemães desejam». Só obtusos ou lunáticos não compreenderão o que isto — logo depois repetido acêrca da Polónia — significa e promete. Já Von Papen (parece que se tratou de uma inconfidência jornalística da *Vanguardia*) dissera com não menor claridade: «Os povos da Europa serão forçados a cooperar na Nova Ordem, e, se o recusarem, morrerão de fome por submissão». Podem afigurar-se duras tais palavras, mas as de Seiss-Inquart não são moles.

Em Londres, no dia 13, havia-se por assente a realização dum Congresso europeu de paz convocado pelo Reich, segundo plano que já teria sido dado a conhecer ao presidente irlandês De Valera e ao general Franco, Chefe do Estado espanhol.

A ofensiva alemã a leste, em pleno inverno, é portanto acompanhada por outra em manobra igualmente vasta e inteligentemente dirigida. Onde há fumo há fogo, e as línguas das labaredas já se avistam.

A INTERROGAÇÃO DO MOMENTO

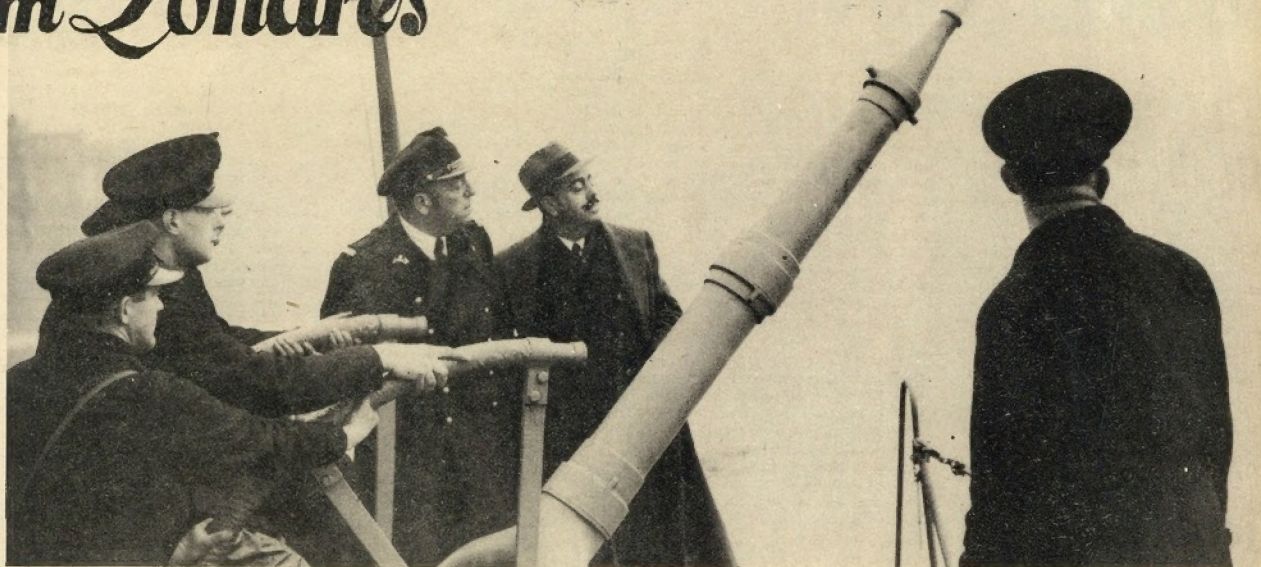
PÉTAIN

A par dêstes factos, a ideia de um armistício atirada pela voz do embaixador alemão em Ankara, insere-se fàcilmente no mesmo plano. Uma suspensão de armas estaria naturalmente indicada como prolegómeno.

Veja-se que o almirante Darlan já encetou negociações com o Reich, a-pesar-de persistirem assás avolumadas as demonstrações da resistência francesa. Não é impossível que, prosseguindo no mesmo plano de Laval, o presidente do govêrno do marechal Pétain busque, e conseqüentemente transija, em Berlim para obter um apoio às pretensões italianas, agora mais vincadas, sôbre a Sabóia e a Córsega. Acaso essa transigência não poderia envolver a cooperação da África do Norte? E nesse caso, a notícia da demissão de Weygand não representa o choque de duas reacções em sentido oposto dentro da própria França?

Contra êste plano — *quod erat demonstradum* — o recurso dos Aliados é sòmente o de forçarem a guerra. A ofensiva na Líbia, se levada por diante com o necessário impulso, traduziria depois das recusas de Churchill a negociar com o nazismo, a contramanobra do plano hitleriano.

Assim, numa curva do caminho, surgiriam acontecimentos que já seriam preparação do que havemos de ver na primavera...

Bombeiros portuguêses em Londres

UMA DELEGAÇÃO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS PORTUGUESES constituida pelos srs. Guilherme de Carvalho (de uniforme) e Nascimento Gourinho, esteve em Londres a instruir-se nos exercícios de ataque a incêndios. Damos dois aspectos da sua visita aos locais onde estão a funcionar os serviços de defesa.

Acontecimentos da SEMANA

A DUQUESA DE LA ROCHEFOUCAULD fazendo no salão nobre do Teatro Nacional a sua interessante conferência literária sôbre «A mulher francesa em 1941». O nome da duquesa de La Rochefoucauld, a sua categoria intelectual e social, chamaram àquele teatro numerosa assistência que aplaudiu o trabalho da ilustre escritora, actualmente entre nós, de passagem para a América do Sul.

DE CIMA PARA BAIXO: Um aspecto da inauguração do edifício escolar do bairro do Alto da Serafina, a que assistiu o Chefe do Estado; a chegada à estação de Vila Franca de Xira do jornalista Leopoldo Nunes que ali foi alvo de justa homenagem e aclamado «Ribatejano honorário»; um aspecto do banquete em honra do mesmo jornalista, efectuado no domingo; e os assistentes ao jantar de despedida aos drs. Jorge Horta, Jorge Monjardino e Bandeira de Lima, internos dos Hospitais Civis de Lisboa, que partiram recentemente para os Açores.

LISBOA

traço de união entre a Europa e a América

LISBOA CONTINUA A SER A ENCRUZILHADA DOS CAMINHOS que conduzem da Europa para a América — por mar e pelo ar. Nesta página, damos alguns aspectos da chegada à capital portuguesa de várias personalidades políticas inglesas e norte-americanas. Em cima, à esquerda: o major Attee, Lord do Sêlo Privado e chefe do Partido Trabalhista inglês, com o sr. Ronald Campbell, embaixador britânico em Lisboa; e o sr. W. H. Harriman, administrador da Lei de Empréstimo e Aluguer, com o sr. Bert Fischer, ministro dos Estados Unidos em Portugal. À direita, em cima, algumas das personalidades chegadas atravessando a ponte do aeropôrto de Cabo Ruivo; em baixo, os srs. Joseph Baldwin, Sterling Cole, Richard Gale, Melvin Maas e William Hell, membros do Congresso dos Estados Unidos, que seguiram para Londres em missão especial.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

Se há coisa que precisa duma escrupulosa revisão é a nomenclatura citadina. Há nomes que estão evidentemente trocados. Há designações que, sem dúvida, se não harmonizam com as características do local. Porque se não há-de chamar, por exemplo, ao cemitério dos Prazeres, Arcádia ou Olímpia e ao Olímpia ou ao Arcádia cemitério dos Prazeres? Porque se há-de designar por Fala-só um recanto da cidade onde habitualmente se não fala só? Porque não se há-de denominar Palácio das Necessidades cada um dos tugúrios onde as necessidades abundam e se dá esta designação a um palácio caracterizado pelo luxo e pela opulência? Porque se não há-de chamar Paço da Ajuda à Casa da Misericórdia e se não há-de chamar Casa da Misericórdia ao Palácio do Torel? Os casos são inúmeros. Tudo aconselha, por conseqüência a que se ponham as coisas no seu lugar a-fim-de evitar confusões inúteis. Que pense nisto o meu bom amigo dr. Silva Pinto que superintende, com grato carinho, nos serviços culturais da C. M. L. que não perderá o seu tempo...

DINHEIRO

HÁ dias, no Pôrto, apareceu à bilheteira do Teatro *Sá da Bandeira* um homem que queria por fôrça um camarote para o espectáculo. Já não havia nenhum. O homem julgando que era desculpa do bilheteiro, exclamou batendo imponentemente com a mão no bôlso:

— Se imagina que eu não tenho dinheiro, engana-se! Aqui há volfrâmio com fartura...

VERSOS

ALFREDO Cândido, pintor ilustre, foi êste ano, no verão, contratado para ir a Viseu decorar as paredes do Jardim-Escola João de Deus.
Daqui lhe mandou o seu amigo Silva Dias, inspirado poeta popular, esta quadra sugestiva:

Isso é que é um veraneio
Dêstes de três assobios:
Trazes inda o saco cheio
Quando os mais voltam vazios!

FILIAÇÃO

FILIOU-SE no *Rádio Graça*, segundo nos informam, um *bébé* com dez meses de idade. Saúdêmos o nosso bébé mais rádio-activo!

TRÊS RAPARIGAS DE AGORA

DIZEM-NOS que as *Três raparigas de agora*, visíveis tôdas as noites no *Avenida*, são filhas da *Maria Cachucha* e do *Gonzaga*.
Serão?

RIQUEZA

SEGUNDO se afirma, o actor A. S. paga de renda de casa 1.500 escudos mensais. Se assim é, o que comerá proporcionalmente êste homem ao jantar? Faisão, caviar, espargos, lampreia dôce, um ôvo mexido, uma costeleta de vitela, quere dizer tudo acepipes de milionário...

NÃO É PRECISO MENTIR

Durante muito tempo procurei, sem a encontrar, uma imagem que definisse, com rigor, a personalidade de António Botto, poeta. E ia já desistindo de tamanha emprêsa quando certa tarde descobri, através da montra envidraçada dum casa de frutas, o próprio António Botto doce, pálido, melífluo, quási etéreo, provando um bago de uva e apontando logo, num gesto rítmico, ao empregado da loja o cacho donde, com gulodice, extraíra aquela pérola sumarenta. O poeta oferecera-me, sem dar por isso, a sua própria imagem. Na verdade, António Botto é bem o guloso, meio sentimental, meio pagão, que, na opulenta vinha do Senhor ou na simples casa de frutas do comércio citadino, namora voluptuosamente uma uva — e se apaixona liricamente pelo cacho. Se os poetas são, como dizia Gonçalves Crespo, grandes vindimadores de ilusões, Botto é, essencialmente, poeta. Os seus gestos têm qualquer coisa de quem passa a vida colhendo bagos de oiro. As suas estrofes dir-se-iam canções entoadas durante uma larga vindima parnasiana. Espremam os seus versos sôbre uma taça de cristal e terão um excelente nectar literário. Durante muito tempo foi moda dizer mal de António Botto. O seu ar, a sua expressão, o seu aparente pretenciosismo, a própria lenda da sua sensibilidade, criaram, à sua volta, uma atmosfera que, por vezes, se cortou à faca. Falar, cumprimentar, estender a mão a António Botto chegou a ser, no Chiado, um compromisso. À fôrça de pretender diminuir o homem, chegaram a renegar-lhe os versos. A sua indiferença, porém, não tardou a vencer. Em vez de empunhar uma «browning», sentou-se à porta da «Brasileira» e, de lira em punho, cantou orgulhosamente um fado, o seu fado. O poeta triunfou. Do homem ainda há quem diga mal. Com motivo? Sem motivo? Não nos importa. O homem doméstico pertence ao saguão da história: apenas a sua obra, nos seus reflexos exteriores, interessa ao salão da imortalidade. É nesse salão forrado de espelhos, como um Versailles de galantaria, que nós vemos, neste momento, o poeta, desprendido do seu invólucro humano, e assim etéreo, transparente, imaterial, saboreando espiritualmente um cacho de uvas.

TOILETTES

TODOS os alfaiates do Pôrto estão presentemente ocupados no talhe das casacas destinadas à inauguração do novo Coliseu daquela cidade. A inauguração far-se-á, ao que parece, patriòticamente no dia primeiro de dezembro com uma grande companhia nacional — de Espanha...

ESPECTÁCULOS

EM cada espectáculo teatral há sempre, por mais paradoxal que isto pareça, dois espectáculos: um, quando o pano sobe, para o público; o outro, quando o pano desce, para os próprios artistas. E acontece, com freqüência, êste ser mais divertido do que aquele...

O FADO

O ilustre crítico teatral Miguel Coelho escrevia, há dias, nos *Ecos de Sintra*: «É demasiado tanta «canção nacional». E quando ela mete as frases «minha mãe», «meu pai», «meus filhos», enfim, a «família tôda» o público amador arrebita as orelhas, etc....».
Diz-se que a D. Amália Rodrigues leu isto e mandou desafiar o nosso colega para um duelo à guitarra. Desafiar, não: desafinar...

BRITO CAMACHO

UM dia, nas Câmaras, notaram a Brito Camacho que êle trazia um chapéu de palha, velhíssimo, manifestamente indigno dum chefe de partido. Não hesitou na resposta:
— Se a palha fôsse nova, já mo tinham comido!

FESTA ELEGANTE

A jóvem actriz Idalina de Oliveira ofereceu recentemente a alguns dos seus admiradores uma ceia lauta e elegantíssima. A linda vivenda da rua Palmira tinha um autêntico ar de festa. Apetite não faltou. Bem ao contrário. A própria lontra da peliça n.º 5 de Carlos Leal ia sendo devorada pelas feras gastronómicas. Em resumo, uma noite — que foi um grande dia!

AS APARÊNCIAS ILUDEM

LÊmos agora um romance, por sinal bastante curioso, intitulado *Inquietação*. Firma-o o nome dum escritor que se inicia e que tudo aconselha a que continue: Armando Páscoa. Simplesmente notámos que Páscoa é sinónimo de tranqüilidade, e não de inquietação. Desta vez, como de tantas outras, a obra é literàriamente o escritor — mas não é semânticamente o homem.

OVOS

NOTA-SE em Lisboa uma grande falta de ovos. Porquê? Será — como diz Stuart Carvalhais — porque as galinhas, com isto da guerra, se retraiem?

?

UM fotógrafo foi, há dias, a Coimbra, em missão de certa revista ilustrada, com o encargo de fotografar o túmulo de Santa Isabel que se encontra no vélho mosteiro de Santa Clara. Eis senão quando o director da revista recebe um aflitivo S. O. S. do seu enviado:
— Não há em Coimbra nenhum mosteiro de Santa Isabel onde se encontre qualquer túmulo de Santa Clara. Peço esclarecimentos.

VITAMINAS

— ENTÃO sabem — contava-se no «foyer» de certo teatro — então sabem que o Covões descobriu para o Coliseu uma nova vitamina?
— Uma nova vitamina?
— A vita... Mina Braga!

Luís d'Oliveira Guimarães

a Ofensiva BRITÂNICA do General Auchinleck

O GENERAL SIR CLAUDE AUCHINLECK, comandante-chefe das fôrças britânicas no Próximo Oriente, que dirige superiormente a ofensiva da Cirenaica. (Foto Britanova). Em baixo, da esquerda para a direita: Os novos «tanks» americanos usados pelas fôrças motorizadas do deserto. — O comandante dum esquadrão de «tanks» dando instruções aos condutores dos carros por meio da rádio. — A tripulação dum dos novos carros blindados britânicos, especialmente preparada para a guerra do deserto. — Um oficial das tropas de Cunningham mostrando aos seus soldados a mensagem que contém o «V» simbólico da vitória inglêsa.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo II * A campanha da Polónia

1

QUANDO SOARAM OS PRIMEIROS TIROS

QUANDO, em 1 de Setembro, soaram os primeiros tiros na fronteira germano-polaca, a diplomacia não considerava ainda esgotados todos os seus recursos. Durante três dias, os seus esforços iam ainda exercer-se para tentar, em última extremidade, salvar da catástrofe a Europa. Êsses esforços estavam destinados, de antemão, a um malôgro total.

Ao meio dia de 31 de Agôsto, o ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, Conde Galleago Ciano, chamou ao seu gabinete o embaixador francês. À volta da entrevista, que se realizou no Palácio Chigi, estabeleceu-se um ambiente de justificada curiosidade. Como um ano antes, era efectivamente dum esfôrço de conciliação que se tratava. Iam encará-lo os dois grupos rivais com a mesma boa vontade e o mesmo desejo de evitar a luta? A experiência de Munich pesava na consciência dos dirigentes europeus. Assim, a negociação ia ser entabolada numa atmosfera de dúvidas e de suspeições recíprocas. As potências do «eixo» desejavam alcançar, sem efusão de sangue, um novo êxito político que permitisse ao Reich satisfazer os seus pedidos em relação à Polónia. Os governos de Paris e de Londres não aceitariam, em circunstância nenhuma, um novo recuo que equivaleria à sua liquidação a breve trecho.

A linguagem do Conde Ciano foi clara e incisiva:

— «Se a França e a Inglaterra aceitarem, Mussolini assume o compromisso de convocar, para o dia 5, uma conferência a que a Alemanha se associará. A Polónia será igualmente convidada a comparecer. Além da liquidação das divergências existentes entre o Reich e a Polónia, a conferência ocupar-se-ia da generalidade dos problemas que nos dividem e especialmente da redacção das últimas cláusulas do tratado de Versailles, causa e origem da perturbação actual».

O Papa Pio XII que tantos esforços fêz em 1939 pela paz.

Dias antes, as iniciativas pacificadoras do presidente Roosevelt, do Papa e do rei Leopoldo da Bélgica tinham deparado com uma resistência pertinaz, que, finalmente, as fizeram cair. O mundo ouvia, com um desprendimento sistemático, as palavras de apaziguamento que tinham perdido há muito todo o sentido prático. E pressentia que se tratava de simples fórmulas, vazias de conteudo real, no momento em que as tropas alemãs marchavam já a ocupar as suas posições.

A MEDIAÇÃO ITALIANA

O embaixador Poncet transmitiu o convite do Conde Ciano ao seu govêrno. Às 6 da tarde, reüniu-se em Paris um conselho de ministros que, em princípio, resolveu aceitar o convite. Nesse conselho, as opiniões mostraram-se profundamente divididas. O titular da pasta dos estrangeiros, Georges Bonnet, pronunciou um discurso extenso em que resumiu a situação e se mostrou, mais uma vez, partidário decidido duma solução conciliatória.

No dia 1 de Setembro, às 11 e 45, estabeleceu-se a comunicação telefónica entre o Quai d'Orsay e o palácio da embaixada em Roma. Bonnet comunicou ao embaixador a resolução do conselho de ministros e acentuou que devia estabelecer-se, entre os países interessados, um largo debate «no qual seriam tratados os problemas de carácter geral pendentes a-fim-de se evitarem conflitos, no futuro, e de se chegar a um entendimento sincero que permitisse restabelecer e organizar, em bases solidas, a paz do mundo». Uma hora depois, François Poncet deu conhecimento ao Conde Ciano desta resolução e encorajou-o a prosseguir a sua iniciativa.

Entre Paris e Londres, os contratos prosseguiram duma forma constante e activa. Lord Halifax, que até ali se mostrara também partidário do apaziguamento, deixara, porém, de acreditar na sinceridade das intenções do Reich, argumentando para justificar esta mudança de atitude, com a lição de Setembro de 1938. A mesma transformação se operara no espírito do Primeiro Ministro. À semelhança do que acontecera na capital francesa, o conselho de ministros britânico reüniu-se demoradamente para apreciar a proposta italiana. No dia 2, Lord Halifax comunicou laconicamente ao seu colega francês o resultado das deliberações tomadas:

— «O govêrno de S. M. decidiu dar uma resposta favorável à proposta para se convocar a conferência das principais potências europeias, desde que se verifique uma condição prévia: as tropas alemãs devem retirar-se para o limite das fronteiras do seu país. Desde que essa condição se não verifique, a Grã-Bretanha cumprirá fielmente a promessa de garantia que deu ao govêrno polaco».

Esta declaração equivalia a uma revolução profunda nos hábitos e nas tradições da Grã-Bretanha. Era, ao mesmo tempo, a negação formal da política de apaziguamento prosseguida pelo partido conservador no poder.

Ao embaixador francês em Varsóvia, Sera Noel, o coronel Beck falava uma linguagem idêntica:

— «Encontramo-nos em plena guerra, como conseqüência duma agressão provocada. Nêste momento não se trata de convocar conferências, mas de concertar uma acção comum que precisa ser vigorosamente conduzida pelos aliados para fazer face a essa agressão. Não me interessam, por isso, os projectos de mediação ou de conferência da iniciativa de Itália».

Mussolini, outro medianeiro da paz em 1939

Como em 1914 o sistema das alianças, em 1939 o sistema das garantias ia jogar em pleno. A Grã-Bretanha, perante as indecisões da diplomacia de Paris, decidira-se a conduzir o jôgo com a sua tenacidade tradicional.

Em Londres, não ignoravam que as promessas de auxílio militar à Polónia se não podiam executar com facilidade. Mas convencidos os inglêses de que eram os próprios destinos da Grã-Bretanha que se encontravam em causa, mostraram-se inflexivelmente decididos a liquidar as tentativas de conciliação e a encarar de frente as realidades mais duras.

Depois da resposta do gabinete britânico, podia dizer-se que o projecto de conferência estava irremediàvelmente prejudicado. Nem a Grã-Bretanha podia recuar da posição que tinha tomado, nem o Reich podia, sem uma quebra grave de prestígio, ordenar a retirada das tropas que tinham entrado em território polaco.

Ao fim da tarde do dia 2, o embaixador francês dirigiu-se ao palácio Chigi para dar conta das resoluções franco-britânicas. A conferência foi rápida. O govêrno italiano não se considerava em condições de prosseguir nas suas diligências perante a exigência britânica relativa à retirada das tropas alemãs. Pouco depois, o embaixador francês comunicou telefònicamente ao ministro Georges Bonnet:

O Presidente Roosevelt, medianeiro da paz em 1939

— O Conde Ciano declarou-me que se não julgava em condições de formular um pedido dessa ordem ao govêrno alemão. É essa também a opinião de Mussolini. O discurso pronunciado por Daladier na Câmara dos Deputados deu a entender que a posição da França é a mesma que a da Grã-Bretanha. E, por isso, convicção sua que a sugestão italiana deve ser posta de parte.»

O Conde Ciano acrescentou que telegrafaria, nesse sentido, ao seu embaixador em Berlim, Attolico. Na opinião de Mussolini, o projecto de conferência estava definitivamente prejudicado.

Perante a decisão britânica, desvanecia-se a última esperança de evitar a guerra, repetindo o episódio de Munich.

UMA SESSÃO NO REICHSTAG

O dia 1 de Setembro fôra preenchido por acontecimentos duma importância capital. De manhã, o Fuherer convocara o Reichstag para lhe anunciar a sua decisão de desencadear a guerra, pondo, assim, termo a uma situação que considerava intolerável.

«Há meses que sofremos, dizia o chanceler alemão, as conseqüências do pesadelo criado em Versailles. Dantzig e o Corredor foram e continuam a ser alemães. O «diktat» não tem para nós fôrça de lei. Troquei, a êsse respeito, impressões com os dirigentes polacos. As minhas reivindicações eram modestas e leais. Não as quiseram atender. Responderam aos meus pedidos com a mobilização e com o terrorismo. A Polónia não quis cumprir os compromissos que assumiu em relação às minorias étnicas do seu território. Não há nenhuma potência, com o sentimento da honra, que tolere semelhante estado de coisas. Durante dois dias, esperei que o govêrno polaco me enviasse um plenipotenciário. Não veio. Se o Reich e os seus chefes tolerassem mais isto, eu abandonaria a cena política.»

O chanceler referia-se ao seu amor pela paz com estas expressões: «O meu amor pela paz e a minha longanimidade não devem ser tomados à conta de covardia. Já fiz saber ao govêrno britânico que as propostas de mediação apresentadas se tinham malogrado. Decidi empregar em relação à Polónia a mesma linguagem de que êste país costuma usar. Que querem mais?»

No discurso do Fuehrer a posição do Reich em relação às nações ocidentais era encarada pormenorizadamente:

«À França dei a garantia de que a fronteira entre os nossos dois países era definitiva. À Inglaterra dei a garantia que o Reich não tem quaisquer reivindicações no ocidente. Devo, neste momento, agradecer à Itália que, em mais duma ocasião, tem estado a nosso lado. Não pretendo o seu auxílio. Resolveremos nós próprios as dificuldades em que nos encontramos. Respeitaremos a independência de todos os Estados neutrais.»

Sôbre o acôrdo germano-soviético, afirmou:

«Sabeis que o Reich e a Rússia são países regidos por duas doutrinas diferentes. A Alemanha não tenciona exportar a sua doutrina. Como a Rússia proceda da mesma forma, não vejo razões para que continuemos a hostilizar-nos. A Alemanha e a Rússia não se combaterão mais. Não se repetirão as batalhas que tantas vezes se registaram no passado. Não voltaremos a fazer o que fizemos durante a conflagração de 1914-18.»

«ATIRAMOS DESDE AS 5 E 45»

Sôbre a condução da guerra o chanceler fêz declarações precisas:

«Não quero que a luta seja conduzida nem contra mulheres nem contra crianças. Dei ordem à minha arma aérea para atacar apenas objectivos militares. Só se o adversário empregar métodos diferentes replicaremos de maneira a tirar-lhe a vontade de continuar.»

A oração histórica do Fuehrer terminou com algumas declarações sensacionais:

«Desde as 5 e 45 da madrugada que os nossos soldados atiram. Gastámos mais de 90 biliões para organizarmos o nosso exército. Se apelei para êle tenho o direito de exigir também todos os sacrifícios ao povo alemão. Peço a cada um dos meus compatriotas que faça apenas aquilo que eu próprio estou decidido a fazer. Saberei ser o primeiro soldado do Reich. Vesti o meu uniforme que é para mim sagrado. Só o deixarei quando alcançar a vitória. Se me acontecer qualquer desastre, Goering será o meu sucessor. Se lhe acontecer também qualquer coisa, Hess suceder-lhe-á. Como soldado, marcho para o combate com o coração firme. Tôda a minha vida trabalhei pela salvação da Alemanha. Há uma palavra que não conheço: a palavra capitulação. Posso garantir que na história se não repetirá a data de 9 de Novembro de 1919. Esta é a hora de pensarmos no futuro.»

A sessão do Reichstag fôra precedida da publicação dum apêlo que o Gauleiter Foerster dirigiu à população de Dantzig anunciando-lhe que a cidade fôra incorporada no Reich e dum telegrama que enviara a Hitler anunciando-lhe as medidas tomadas e pedindo a sua protecção. A êste telegrama respondeu o Fuehrer aceitando o pedido que lhe dirigira o «Gauleiter» de Dantzig.

Numa ordem do dia dirigida ao exército, Hitler anunciou que assumiria o comando supremo das fôrças armadas do Reich e incitou-as a cumprir o seu dever, mesmo à custa dos maiores sacrifícios. «Espero de cada soldado, penetrado da grande tradição do eterno espírito militar alemão que cumpra o seu dever até às últimas conseqüências.»

O Rei Leopoldo da Bélgica que tomou também uma iniciativa pacificadora, malograda.

O «gauleiter» da Pomerânia, Foerster

Georges Bonnet, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, no gabinete Daladier, que em 1 de Setembro de 1939, tentou ainda uma solução conciliatória

O embaixador italiano Attolico, que tomou parte nas conversações germano-italianas em 1939, cumprimentando Ribbentrop.

O Fuhrer na sessão extraordinária do Reichstag do dia 1 de Setembro em que comunicou ao mundo a sua decisão de declarar a guerra à Polónia. Ao lado de Hitler está Rudolfo Hess, então o seu mais íntimo e fiel colaborador.

na Polónia cessaria e que as tropas do Reich abandonariam o território polaco, os dois países cumpririam as suas obrigações. A nota franco-britânica era do seguinte teor:

«Na manhã de 1 de Setembro, o chanceler do Reich dirigiu uma proclamação ao exército alemão indicando, de maneira insofismável, que estava decidido a atacar a Polónia. As informações recebidas pelos governos francês e inglês indicam, claramente, que as tropas alemãs atravessaram a fronteira polaca e continuam os seus ataques. Nestas circunstâncias, parece aos governos inglês e francês que, pela sua acção agressiva, o govêrno alemão criou condições que ameaçam a independência da Polónia e exigem aos dois governos o cumprimento das obrigações que assumiram em relação à Polónia. Informo, por isso, V. Ex.ª de que, a menos que o govêrno alemão esteja decidido a dar garantias formais de que suspenderá a acção ofensiva empreendida contra a Polónia e de que retirará ràpidamente as suas fôrças do território polaco, os governos da Grã-Bretanha e da França cumprirão integralmente os seus compromissos.» Redigidas em termos idênticos, as notas britânica e francesa foram entregues separadamente na Wilhelmstrasse.

O Parlamento francês reüniu-se no dia seguinte, 2 de Setembro, para ouvir ler uma proclamação do presidente da República e uma declaração do govêrno. Esta declaração, lida por Daladier e coberta de aplausos, engeitava qualquer responsabilidade na eclosão do conflito e assegurava que a França saberia cumprir o seu dever: «Nesta hora em que se decidem os destinos da Europa, a França fala-nos pela voz dos seus filhos, pela voz daqueles que aceitaram o supremo sacrifício. Como êles saberemos encontrar o espírito que anima os heróis da nossa história. A França não se ergue como um só homem senão quando tem a consciência de lutar pela sua vida e pela sua independência. É a França que hoje nos manda.»

O presidente da República polaca, Moscicki, dirigiu igualmente um apêlo ao seu povo: «Esta noite, o nosso inimigo secular iniciou as suas operações ofensivas contra a Polónia. Neste momento histórico, dirijo-me a todos os cidadãos com a convicção profunda de que se unirão em volta do poder e do exército para defender a liberdade, a independência e a honra da nação. Abençoados por Deus na sua luta por uma causa justa e santa, marcharão em filas compactas para o combate e para a vitória.»

A DILIGÊNCIA FRANCO-BRITÂNICA

Às 10 e 30 da manhã o conselho de ministros reüniu-se em Paris e ordenou, para o dia seguinte, a mobilização geral. Em Inglaterra o soberano assinou igualmente ordem de mobilização. A sessão dos Comuns teve um carácter dramático. O Primeiro Ministro resumiu os acontecimentos dizendo:

«Esta hora é mais para a acção do que para discursos. Não desprezámos nenhum processo para fazermos saber ao govêrno alemão que, se êle recorresse à fôrça, no caso da Polónia, nós lhe responderíamos com a fôrça. Compareceremos serenos perante o tribunal da história. A responsabilidade desta catástrofe horrível cabe apenas a um homem. O chanceler alemão não hesitou em mergulhar o mundo na miséria para servir a sua ambição insensata. O embaixador da Polónia declarou a Ribbentrop que o seu país estava disposto a negociar. A resposta foi dada pelas tropas alemãs que atravessaram a fronteira polaca esta madrugada. Já foram bombardeadas cidades abertas. Perante estes acontecimentos, só temos um caminho a seguir; é êsse que seguiremos.»

Os embaixadores da França e da Grã-Bretanha entregaram ao ministro dos Estrangeiros do Reich uma nota em que se dizia que, se não fôssem dadas garantias concretas de que a ofensiva alemã

A sala de Versailles onde foi assinado o tratado de paz a que Hitler se referiu no seu discurso do Reichstag em 1 de Setembro de 1939

Aos pedidos formulados na nota franco-britânica, Ribbentrop respondeu, informando os embaixadores dos dois países, de que o Reich, invadindo o território polaco, se limitara a responder às provocações de que tinha sido alvo. Ao embaixador britânico, Sir Nevile Henderson, deu uma larga explicação da atitude que assumira quando da leitura apressada das condições postas pelo govêrno alemão para um entendimento pacífico com a Polónia. Quanto aos pedidos franco-britânicos, Ribbentrop acrescentou que só o Fuehrer estava em condições de lhe dar uma resposta definitiva.

RECOMPOSIÇÃO MINISTERIAL EM LONDRES

Em Londres e em Paris aguardaram, durante a tarde do dia 1 e durante todo o dia 2, que a resposta alemã fôsse dada pela via diplomática normal. No dia 3, às nove horas da manhã, o embaixador britânico procurou Ribbentrop para lhe anunciar que se a resposta não fôsse dada no prazo de duas horas, a Grã-Bretanha se consideraria em guerra com o Reich. O embaixador francês, Coulondre, fêz uma declaração idêntica, devendo o prazo para responder à nota francesa expirar às dezassete

O PRIMEIRO GABINETE DE GUERRA INGLÊS — Da esquerda para a direita, sentados: Lord Halifax, ministro dos Negócios Estrangeiros: Sir John Simon, Finanças; Chamberlain, Primeiro Ministro; Sir Samuel Hoare, Interior; Lord Chatfield, Coordenação; em pé: Sir John Anderson, Segurança Interna; Lord Hankey, ministro sem pasta; Hore Belisha, Guerra; Winston Churchill, Marinha; Sir Kingsley Wood, Aviação; Eden, Domínios; e Sir Bridges, secretário do Gabinete de Guerra.

A missão militar aliada que esteve na Rússia em 1939: Collier, Bichon e Davidson.

deram com uma recusa formal. A orientação da política externa preconizada e seguida por Chamberlain provocara vivos ressentimentos cujas conseqüências se faziam sentir no momento mais agudo da crise.

A recomposição teve um carácter restrito mas, mesmo assim, sintomático, da evolução que a nação inglêsa ia sofrer. Os elementos conservadores, que se tinham manifestado contra a orientação oficial do seu partido, foram convidados a entrar no govêrno. Entre êles figuravam dois antigos ministros, Anthony Eden e Duff Cooper, que tinham pedido a demissão, pouco tempo antes, para, com uma liberdade de movimentos maior, combaterem a política de Chamberlain. Com êles voltava a fazer parte do gabinete de guerra britânico um homem que a opinião pública designava, há muito, para o desempenho das mais elevadas funções: Winston Churchill. Coube-lhe a direcção do Almirantado, que já exercera durante a Grande Guerra. Ao assumir estas funções, Churchill, que infatigàvelmente adoptara a política de resistência às iniciativas do Reich, fêz uma declaração em que procurou sintetizar os seus sentimento profundos e os seus propósitos distantes: «Estamos em guerra. Mas no fundo dos nossos corações, há a paz. Estamos em guerra. Mas temos as mãos puras e nenhum sentimento de ódio perturba o nosso espírito. Estamos em guerra, mas é a ideia da paz que nos domina»

(Continua)

horas. Como ela não chegasse, o Primeiro Ministro anunciou nos Comuns a entrada do seu país em guerra: «Êste é um dia de tristeza para nós todos e especialmente para mim. Aquilo que eu transformei em objectivo exclusivo dos meus esforços e da minha fé afundou-se. Só me resta uma coisa: consagrar as fôrças e as faculdades que ainda tenho ao triunfo da causa pela qual estamos decididos a fazer todos os sacrifícios. Não posso dizer que parte tomarei no drama que começa a desenrolar-se. Espero, porém, viver o tempo necessário para assistir à destruïção do hitlerismo e ao restabelecimento da liberdade na Europa.»

No Parlamento francês, o chefe do govêrno, Daladier, fêz declarações semelhantes: «Nunca houve agressão mais clara e mais injusta. Nunca também, para justificar uma agressão, se usaram tantas mentiras.»

Um comunicado do govêrno francês e outro do govêrno britânico anunciaram oficialmente a existência do estado de guerra entre as duas potências e o Reich. O conflito germano-polaco desencadeado da madrugada do dia 1 estava, na tarde do dia 3, transformado numa conflagração europeia. Os embaixadores Coulondre e Henderson pediram em Berlim os seus passaportes, o mesmo fazendo os representantes do Reich, em Paris e em Londres. A salvaguarda dos interêsses franco-britânicos na Alemanha ficou confiada ao pessoal da embaixada norte-americana.

A declaração de guerra foi acompanhada, em Londres, duma recomposição ministerial. O Primeiro Ministro que era, ao mesmo tempo chefe do partido conservador, manifestou o propósito de constituir, sob a sua presidência, um govêrno de união nacional em que, além dos representantes do seu partido, entrassem delegados da opinião liberal e trabalhista. Nesse sentido foram formulados convites a que os agrupamento da oposição respon-

Em 1914, Winston Churchill, Primeiro Lord do Almirantado, conversa no seu gabinete com Fisher, Primeiro Lord do Mar.

Um estratagema dos ingleses convenceu os alemães há um ano que haviam afundado o "ARK ROYAL"

por Mauricio de Oliveira

O «Ark Royal» foi para o fundo do Mediterrâneo, precisamente no momento em que o «superavit» de porta-aviões na Armada britânica permitia que sulcassem os mares a caminho do Pacífico duas das mais modernas unidades dessa classe acabadas de sair dos estaleiros. Êste facto, ao qual aludiu Duff Cooper em recentes declarações, não deve deixar de ser considerado quando se fala da importância militar da perda assinalada.

Tendo iniciado a guerra com um efectivo de porta-aeronaves que atingia a cifra de sete porta-aviões e dois transportes de aviação (êstes últimos exclusivamente para hidro-aviões) a Armada inglesa tem hoje ao serviço oito porta-aviões e ainda os dois transportes referidos.

O capitão L. E. H. Maund, comandante do «Ark Royal».

A perda do «Ark Royal», sem abalar o moral dos homens da British Navy (o moral dessa gente não se ressentiu nas horas mais sombrias desta guerra) nem por isso deixou de entristecer — e compreende-se, porquê — os marinheiros ingleses.

É que êles consideravam o «Ark Royal» como o prototipo do «navio de sorte». Lançado ao mar antes do prazo previsto, foi igualmente acabado com grande antecedência. Entrou na guerra, cruzou os mares glaciais do Ártico e as águas quentes das paragens tropicais, chegou ao Rio de Janeiro a tempo de destruir o «Graf Spee» se êle próprio não se tivesse destruído diante de Montevideu; andou pelo Mediterrâneo e escapou sempre aos aviões, depois de ter passado horas e minutos de risco eminente; lançou os seus aviões, sob a tempestade, para cima do «Bismarck» ou através da bruma matinal para o grande bombardeamento de Genova, chegou sempre onde era preciso e regresssava sempre à base...

Ao contrário do seu «irmão» «Illustrious» que, logo no dia do lançamento causou, por virtude de um acidente, a morte a alguns assistentes à cerimónia, para ser, pouco depois de entrar em serviço, atingido sèriamente por aviões no Mediterrâneo, o «Ark Royal» era bem um navio «mascotte», um «navio de sorte»...

O facto de se ter perdido a «mascotte» não significa, porém, que se tenha perdido a coragem, nem a fôrça. A coragem da Armada Real parece, de resto, aumentar na razão directa da fôrça...

UM PORTA-AVIÕES MODERNÍSSIMO

O «Ark Royal» era o prototipo do porta-aviões moderno, destinado para o desempenho das mais diversas missões tácticas.

Dispunha de dois vastos hangares sobrepostos e de três ascensores para trazer os aparelhos à plataforma de descolagem, na parte de vante da qual existiam dois aceleradores (espécie de catapultas encaixadas no próprio convés) para facilitar a descolagem dos aviões, quando excepcionalmente carregados de bombas ou de torpedos.

A sua fôrça aérea embarcada era constituida por esquadrilhas de caça, de torpedeamento e de exploração, num total de cêrca de 60 aparelhos.

Entrado em serviço em fins de 1938, o «Ark Royal» deslocava 22.000 toneladas, media 243 metros de comprimento, por 28 de largura e tinha uma plataforma de aterragem com 240 metros de comprimento por 30 de largo.

O seu armamento era constituido por 16 canhões de 114 mm. anti-aéreos e 32 canhões de 40 mm. anti-aéreos e 32 metralhadoras também anti-aéreas, o que lhe dava a bonita soma de 80 bocas de fogo contra-aviões, as quais lhe permitiam estabelecer um admirável «plafond» de metralha.

Tinha uma equipagem de 1.593 homens, incluindo o pessoal de vôo e a velocidade máxima horária (conhecida) era de 30,75 milhas.

O «Ark Royal» em cujos planos e construção se tinham esmerado os grandes engenheiros navais da Inglaterra surgiu, de facto, como um «porta-aviões modêlo».

E ASSIM NASCEU UMA LENDA...

A rádio alemã anunciou várias vezes o afundamento do «Ark Royal». Se algumas vezes o fêz a titulo de propaganda ou em conseqüência de informações menos precisas que as condições de um combate aero-naval podem, em determinadas circunstâncias, justificar, um dia houve, porém, em que os alemães anunciaram a perda do famoso navio convencidos de que, efectivamente, êle se havia afundado e de que os ingleses pretendiam ocultar a sua perda.

Travara-se no Mediterrâneo um rijo duelo aero-naval. O porta-aviões navegava numa formação sob o comando em chefe do almirante sir James Somerville, comandante da esquadra do Mediterrâneo ocidental, baseada em Gibraltar, como se sabe. A luta entre os elementos aéreos e navais prolongou-se durante algumas horas. Por sôbre a esquadra estendia-se uma cortina de fumo — umas vezes mais densas do que outras — provocada, não só pelas explosões de milhares de projécteis anti-aéreos, mas ainda pela fumarada produzida pelos navios. O «Ark Royal» foi alvo de ataques sucessivos e, por vezes, ficava envolto em altos cachões de água e de espuma. Determinados momentos houve em que os próprios ingleses recearam que, ao desvanecer-se a atmosfera, o «Ark Royal» aparecesse adornado e a afundar-se. Tal não chegou, porém, a acontecer e os aviões atacantes acabaram por se retirar. A sua capacidade ofensiva tinha-se esgotado. As últimas bombas e os últimos torpedos tinham caido no mar. Só restava regressar à base.

Tinham chegado a atingir alguma o «Ark Royal»? Não tinham a certeza, mas admitiam-no sem grande dificuldade.

O almirante Somerville julgou então chegado o momento oportuno para esclarecer sérias dúvidas que tinha sôbre se o inimigo conhecia ou não uma das cifras usadas nas comunicações entre as frotas britânicas do Mediterrâneo.

Utilisando precisamente a cifra que receava estivesse viciada, Somerville enviou para Alexandria ao seu camarada e seu chefe, almirante Cunningham, o seguinte rádio:

> «Ark Royal» afundado por acção da aviação inimiga. Vou enviar mais pormenores dentro de minutos.»

Logo a seguir, empregando uma nova cifra reservada para o caso de se descobrir ou recear que o inimigo conhecesse a primeira, Somerville avisou Cunningham de que o seu primeiro rádio não era verdadeiro, que se tratava apenas de um estratagema para esclarecer dúvidas e que o «Ark Royal» estava incólume...

Esperou-se depois um dia e a rádio alemã anunciou:

> — Temos em nosso poder provas irrefutáveis de que o «Ark Royal» foi afundado pela nossa aviação. Os ingleses não terão remédio senão confessar esta perda...

A cifra estava de facto viciada... Os ingleses não a utilizaram mais e o «Ark Royal» continuou a navegar até que um dia, como só acontece àqueles que se afoitam ao mar e que o sulcam corajosamente, a sua hora chegou à vista das luzes de Gibraltar...

Só nesse momento, a sorte, que sempre o bafejou, se decidiu então a desampará-lo!

A proa do porta-aviões. Uma das últimas fotografias do «Ark Royal».

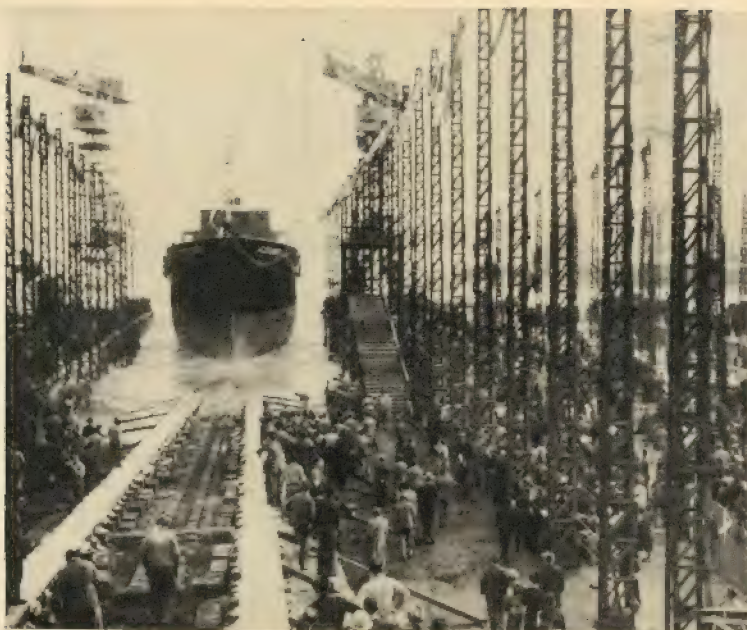
A ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA prestou homenagem ao visconde de Santarém, na passagem do 150.° aniversário do seu nascimento. A foto mostra-nos um aspecto da sessão. Da esquerda para a direita: o actual Visconde de Santarém, neto do homenageado, o dr. António Baião e o sr. Afonso Dornelas

O DESFILE DO CONTINGENTE EXPEDICIONÁRIO que há dias partiu do Pôrto e que recebeu solenemente um guião, por iniciativa do «Jornal de Notícias».

Vida PORTUGUESA

EM CIMA — O sr. Cardeal Patriarca, rodeado pelo arcebispo de Mitilene e pelos bispos de Limira, Helenopolis e Vatarba, pronunciando o seu notável discurso por ocasião do 12.° aniversário da sua eleição. EM BAIXO — À esquerda: O sr. prof. Sousa da Câmara, atingido pela lei do limite de idade, dá a sua última lição no Instituto Superior de Agronomia. À direita: A assistência, na Sala de Actos Grandes do Instituto com professores, antigos e actuais alunos.

ÓSCAR DE LEMOS E ARMÉNIO SILVA cantando na «Hora de Arte» dedicada pela Emissora aos operários da Fábrica de Cervejas «Portugália».

A INAUGURAÇÃO DA SEXTA EXPOSIÇÃO de Arte Moderna no estúdio do S. P. N.

O MAIOR NAVIO CONSTRUÍDO ATÉ HOJE EM PORTUGAL — o «Alexandre Silva» — foi há dias lançado à água. Presidiu à cerimónia o Chefe do Estado. Foi madrinha do novo barco a sr.ª D. Maria Carmona e Costa, neta do sr. Presidente da República. O acto efectuou-se no estaleiro da Administração Geral do Pôrto de Lisboa, adjudicado há cinco anos à C. U. F. — período durante o qual já se construiram ali dezoito barcos mercantes. Damos nesta página três aspectos da cerimónia. À direita do sr. General Carmona, vê-se o sr. Alfredo da Silva.

A DIRECÇÃO DO GRÉMIO dos Armadores dos Navios de Pesca de Bacalhau ofereceu um jantar de homenagem ao comandante e oficiais do transporte de guerra «Gil Eanes», como testemunho de gratidão pela forma como se desempenharam da missão de assistência aos pescadores na campanha dêste ano.

George Washington na Legação dos Estados Unidos da América em Lisboa

CHAMA-SE GEORGE WASHINGTON, É CIDADÃO AMERICANO E HÁ MAIS DE UM ANO QUE SE ENCONTRA NA LEGAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS, ao cimo da Avenida da Liberdade. Tem 59 anos — a idade em que viveu o apogeu da sua carreira o Presidente do mesmo nome — e uma história curiosa. Natural de Ruffin, no Estado da Carolina do Norte, foi, na sua mocidade, estudante, «boxeur» amador e artista de circo. Em 1902, integrado na célebre Companhia de Bufalo Bill, veio para a Europa. Fazia acrobacias a cavalo e domava um touro com a sua fôrça hercúlea. Percorreu alguns países — e nunca mais voltou à América. Um dia, saiu da Companhia de Circo e empregou-se no consulado dos E. Unidos em Marselha. Esteve lá dois anos. Depois, passou para o consulado de Hamburgo. Cinco anos. Depois... Depois, viveu em três capitais importantes sempre ao serviço das Legações do seu país — Berlim, 3 anos; Londres, 11 anos; e Paris, 17. Quando do colapso da França, veio para Lisboa. E aqui, é também o porteiro da Legação — aprumado, correcto, impecável. E todos os americanos que ali entram [illegible]údam, logo à entrada — George Washington.

Calçada da Glória

Sôbre um «suelto» desta secção da «Vida Mundial Ilustrada», intitulado «Pão de ló», publicado no último número, recebemos do sr. dr. Fernando Tavares de Carvalho, uma nota que, por absoluta falta de espaço, não podemos inserir hoje, mas à qual daremos publicidade no nosso próximo número.

— Eu queria um «taxi», lá isso queria .. Mas aquilo não é um automóvel, é um contra-torpedeiro ... — (Desenho de Stuart Carvalhais).

AS AGÊNCIAS NOTICIARAM HÁ TEMPOS que o jornalista português Armando Boaventura, adido de Imprensa à embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, havia sido contemplado pela sorte no «Grande Prémio do Brasil de 1941» — mil contos. Damos hoje uma foto que nos mostra Armando Boaventura no momento em que no Jockey Clube recebeu o prémio correspondente ao n.º 1.189. A seu lado, entre outras pessoas, encontram-se o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, embaixador de Portugal, e Guilherme Pereira de Carvalho, do S. P. N.

APÓS A DISPUTA DO «GRANDE PRÉMIO», «Polux», o cavalo vencedor do «Grande Prémio do Brasil» é aclamado pela assistência, que invadiu o campo.

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 n.ºs) — 11$00; 6 meses (24 n.ºs) — 22$00; 12 meses (48 n.ºs) — 43$00. — Africa: 12 meses (48 números) — 60$00. Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 n.ºs) — 65$00; estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 n.ºs) — 80$00. COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.º - Tel. 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Na Itália e em Africa

DE CIMA PARA BAIXO: Focos cruzados da D. C. A. italiana durante uma incursão aérea nocturna do inimigo a uma cidade da costa da Itália; carros armados italianos em operações na Cirenaica; e especialistas italianos verificando o motor dum «tank» antes dêste entrar em acção na África

Aspectos da Finlandia em guerra

EM PLENO INVERNO, NA FLORESTA COBERTA DE NEVE, mecânicos da aviação finlandesa, de tronco nú, trabalham na revisão dos motores dum avião.

UM SOLDADO FINLANDÊS CONTEMPLA NAS RUINAS DE VIBORG os restos duma estação ferroviária destruída pelos bombardeamentos aéreos russos

DE CIMA PARA BAIXO: O marechal Mannerheim, comandante chefe do exército finlandês, durante uma visita de inspecção a um regimento de cavalaria; o grande hotel de Petroskoi, cujo interior foi completamente destruído pelos russos; e uma visita do estado maior finlandês às primeiras linhas.

UM DOS HOMENS que tem assegurado a vigília de meio ano em Tobruk é êste velho lobo do mar, capitão dum barco mercante empregado no difícil transporte de víveres e munições, de Alexandria para aquela praça forte da Cirenaica. A foto mostra-o trabalhando com o compasso, no seu navio, ancorado em frente à cidade sitiada. (Foto «Britanova»).